

7 — OS BIOMAS DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO NO TEMPO DE VASCO FERNANDES COU'TINHO

Já fiz referência a respeito da FLORESTA TROPICAL como único BIOMA da REGIÃO NEOTROPICAL em terras brasileiras na época do seu descobrimento, entretanto ao tratarmos da Flora do Estado do E. Santo, já se pôde descer de uma visão de quem olhasse para o MUNDO GEOBOTÂNICO, para particularizar-se a olhar, para uma pequena porção territorial do citado país; então as proporções e escalas se reduzem e nos permite detalhar, mesmo que a largos traços, esse conjunto vegetacional distribuído na então Capitania do Espírito Santo, cujas Florestas e Praias, foram ainda no ano de 1560 descritas pelo Padre José de Anchieta. As praias e Restingas que se estendiam por toda a sua Costa ou Litoral, que ia desde a Foz do Rio Mucuri até a Foz do Rio Itabapoana, sendo intercaladas, em alguns trechos, como ainda hoje ocorre, por barrancas que desciam diretas ao mar, como afloramentos e falesias sem qualquer porção praiana, isso entretanto aparecia apenas de Guarapari para o Sul, até o Rio Itabapoana. E ainda notando-se por características indeléveis, numa parte na Foz do Rio São Mateus e outra na localidade já existente no tempo de Anchieta, próxima a Foz do Rio Itaúnas, as Dunas de areias movediças, que até hoje vêm funcionando por movimentos eólicos e só nesses locais são até hoje conhecidas, e acredito mesmo a não ser aí, essas formações arenosas se apresentaram inalteráveis através desses séculos, mesmo em sua forma topográfica original, em parte, graças à vegetação fixadora que lhe é peculiar e abundante, mesmo sob a ação dos ventos que sopram vindos do mar, embora possam ter remodelado o bordo litorâneo em alguns lugares, como é o caso das regiões das "lagôas de restinga" formadas por depressões intercaladas entre faixas de areia, que ainda hoje vêm ocorrendo no E. Santo. Nas margens das enseadas de influência marítima, como acontece com: Vitória, Vila Velha, Cariacica, Nova Almeida, Aracruz, Conceição da Barra, Barra do Jucú, Guarapari, Meaípe, Anchieta, e outras, vicejavam grandes extensões de MANGUEZAIS, sem dúvida constituindo as mais uniformes das associações vegetais litorâneas, constituídas de três espécies, que ainda acredito serem as mesmas daquela época Anchieta, e nas mesmas localidades indicadas, embora com suas áreas muito restringidas e algumas até mesmo não mais existentes. Pois, sempre foram os Manguezais, os maiores fornecedores de madeira para lenha da Capital do E. Santo e arredores, além de fornecer o seu cortex o tanino para os cortumes. Os indígenas do litoral, no tempo de Anchieta, eram grandes apreciadores desse BIOMA, pois ali faziam suas pescas e cata de mariscos,

ostras etc. para sua alimentação diária, além dos crustáceos como os caranguejos, que ali vivem aos milhões, sempre foram muito apreciados na cozinha Capixaba. e para fabricarem o vazilhame apropriado, tanto os indígenas, como os Capixabas, utilizavam a argila que é tirada do manguezal, para o fabrico de tantos objetos de sua cerâmica.

Depois vinham as Florestas dos Tabuleiros ou do Terciário, conhecido também por Barreiros, cujas extensões abrangia mais da metade do E. Santo, floresta essa opulenta e magestosa, que ostenta até cinco diferentes pisos. em muitas localidades, onde o homem podia locomover-se a cavalo sem a menor dificuldade, graças ao espaçamento entre as grandes árvores que a compõem, cuja altura até o cimo da copa chega a 50 metros, com exemplares de "Jequitibá" cujo diâmetro, raras vezes, ultrapassava mesmo os cinco metros; e a medida que se avançava pelos vales dos Rios, penetrando-os para oeste, afim de galgar as divisas da Capitania do E. Santo com a Capitania de Minas Gerais, atravessando as encostas expostas ás chuvas e ventos úmidos soprados do oceano, intensificaram a decomposição das rochas do complexo cristalino, que originaram em muitos pontos solos mais profundos e férteis, dominando a floresta descrita, entretanto as encostas montanhosas sem fatores edáficos idênticos não ofereciam condições para o mesmo desenvolvimento de florestas tão exuberantes, tendo menor porte e mais impregnada em seu piso inferior de vegetação mais agrestes e muito rica de plantas herbáceas e epifitas, tendo na parte mais rochosa e alcantilada, em muitos pontos a presença de uma vegetação densa de vários tipos de Scrub, como o lenhoso e o lenhoso-espinhoso. As ilhas Oceânicas de Trindade e Martin Vaz, estariam certamente em seu estado esplendoroso vegetal, como as devem ter visto os primeiros expedicionários que ali aportaram: E. Halley (1700), Capitão Cook (1775), R. Copeland (1874) e J. D. Hooker (1839), embora sejam suas terras de origem vulcânicas, conforme atestaram os trabalhos de Betim Pais Leme e outros, pois o material botânico colhido por essas e outras expedições, atestaram-lhe embora poucas espécies botânicas, como eu mesmo pude constatar em 1939 quando ali estive, um número apreciável de endemismos, apesar dos danos que sofre por parte de animais ali introduzidos essa vegetação no momento, vem positivar-lhe, essa posição que lhe estamos atribuindo, na época do Espírito Santo Capitania, no século XVI, pois segundo sabemos, não são poucos os séculos que se fazem necessários para que se venha mesmo pelo isolacionismo das espécies, como ocorreu com as ilhas e arquipélagos afastados da costa, como se nota no Pacífico com As Galapagos e Juan Fernandes. Mas Afuera e outras, em que o número avultado de espécies endêmicas citado e descoberto por Darwin, já é bem meritório,

embora sejam mais fáceis de explicações o que ocorrerá nesse sentido com as Ilhas de Trindade e as três ilhotas Martin Vaz. A área dessas ilhas somadas, talvez atinjam 11 kms. 2 é um dos fortes motivos para que ali não houvessem ocorrido maiores números de espécies botânicas e zoológicas. As outras ilhas inclusas em território espiritosantense e que merecem atenções botânicas, são tôdas costeiras, como a do Francês e outras, que visitei, que também ainda guardam sua flora autóctone, uma vez que são de difícil acesso, mas, que sua proximidade da costa, não lhe dão aspectos diferentes da vegetação típica do litoral, seja das restingas ou das Florestas que se formam nos comoros das restingas, com algumas espécies das Florestas do Terciário. Mesmo hoje, vemos conservada a Floresta do monte onde se encontra encravado o mais importante monumento Histórico do E. Santo, o Convento da Penha, com muito de sua primitiva Floresta, ou seja, aquela conhecida por Pedro Palácios e José de Anchieta, e assim também se acha na Ilha de Vitória, em plena Capital, a Floresta primitiva que contorna a Pedra Frei Leopardi e o "Morro da Fonte Grande", mas, que, infelizmente prevejo sua invasão para o estabelecimento das favelas, ao que muito se presta, principalmente pelo desleixo das administrações públicas, que não traçam planos para sua preservação a fim de continuarem a emoldurar a cidade presépio, que é a nossa Capital, copiando o que se fez de bom no Rio de Janeiro quando em 1861 D. Pedro II criou a Floresta da Tijuca e nomeou o Major Manuel Gomes Archer para administrá-la e reforestá-la.